Kassandra: releituras e reverberações do mito

Rosvitha Friesen Blume[1] *(UFSC)*

INTRODUÇÃO

Christa Wolf, nascida em 1929, é considerada uma das mais proeminentes escritoras alemãs, e com certeza a de maior renome internacional. Sua obra foi traduzida para muitas línguas e recebeu inúmeras premiações. Seu conto *Kassandra* de 1983 foi um grande sucesso internacional. Wolf publicou inclusive uma espécie de instrução para a interpretação do conto em forma de conferências (que na tradução brasileira se encontram no mesmo livro do conto). Sendo a narrativa bastante complexa em sua estrutura formal, além de exigir, é claro, um conhecimento prévio do enredo e dos principais personagens de alguns textos da literatura clássica grega que se reportam à guerra de Tróia, essas conferências são de grande valor para a compreensão do conto.

O grande sucesso da obra de Wolf se deve, certamente, ao fato de o público leitor haver identificado nesta releitura do mito empreendida pela autora, as questões sócio-políticas centrais que inquietavam o ocidente no início dos anos 80: a Guerra Fria e a busca por uma nova identidade da mulher.

E o sucesso da obra de Wolf chegou também ao Brasil, na montagem da peça teatral do grupo gaúcho Ói nóis aqui traveis, *Aos que virão depois de nós. Kassandra in Process.* O grupo foi

[1] Profa. Dra. Rosvitha Friesen Blume trabalha no curso de Letras Estrangeiras e Pós-Graduação em Estudos da Tradução (UFSC). Contato: blume@cce.ufsc.br.

criado em 1978 e apresenta uma proposta alternativa de teatro, denominado teatro de vivência, e que procura envolver os espectadores em suas peças, rompendo com a delimitação clássica entre palco e platéia. A peça *Kassandra in Process* faz parte de um ciclo de encenações do grupo sobre "mitos que povoam o imaginário do ocidente".

Os dois textos tiveram suas reverberações em um curso de literatura na UFSC em 2007, levando a uma contextualização do mito de Kassandra nos dias atuais.

A KASSANDRA DE CHRISTA WOLF

Christa Wolf empreende nesse conto uma reescritura da figura mitológica Kassandra. Em uma de suas conferências ela diz: "tudo isso começou, inocentemente, com uma pergunta que eu mesma me fiz: quem foi Kassandra antes que alguém escrevesse sobre ela?" (WOLF, 1990. p.278) Ela considera que os textos clássicos gregos trazem uma visão eminentemente masculina à tona. Em seu conto Christa Wolf procurou despir Kassandra dessa imagem, reescrevendo-a de uma nova perspectiva.

Tomando como fontes a Ilíada de Homero e a Oréstia de Ésquilo, Wolf eleva Kassandra a personagem central em sua releitura do mito, uma mulher em busca da autonomia. A Kassandra de Wolf é uma mulher que não aceita passivamente o papel que lhe é imposto pela sociedade troiana, buscando sua libertação através do cargo de sacerdotisa e do dom da vidência. "Por que eu quis o dom da profecia a qualquer preço? Falar com

minha própria voz: o bem supremo. Não desejei mais nada."[2] Ao longo da leitura do conto acompanha-se o doloroso processo de busca de Kassandra por auto-conhecimento e autonomia. E ela só alcança os mesmos no momento de sua morte, em frente aos portões de Micenas, prisioneira de Agamenon, onde reconhece a si mesma com todas as suas fraquezas, aprendendo inclusive, a encarar o seu medo de frente. Aí também rompe com o papel tradicional de vidente como uma espécie de porta-voz dos deuses, dizendo ao auriga: "Não creio que eu saiba de tudo. Quem sabe, no futuro, possam existir homens que saibam transformar suas vitórias em vida." E um pouco antes, ao despedir-se de Enéias, já havia dito: "Se eu lhes disser que não sei nada, não vão me acreditar. Se disser o que prevejo, do que qualquer um seria capaz, matam-me."[3] A vidência dela, portanto, se resume ao que "qualquer um seria capaz" de ver, desde que alcance essa autonomia, que ela deseja, aliás, tanto a mulheres quanto a homens.

Além de uma reescritura de Kassandra, Wolf despe tanto gregos quanto troianos de todo heroísmo. Aquiles, o grande herói grego e personagem central da Ilíada, recebe o epíteto "o animal". Agamenon, o grande comandante do exército grego, revela-se, ao longo do conto, um homem fraco, de baixa auto-estima. Kassandra não só prevê a derrota de Tróia, mas percebe e vai compreendendo pouco a pouco, as artimanhas dos poderosos, toda a maquinação que constrói e legitima a guerra. E à medida que percebe, denuncia, e ao denunciar vai se tornando incômoda enquanto filha do rei e profetisa. E o preço da denúncia é a perda dos privilégios e o

[2] Wolf, 1990, p. 14.
[3] Wolf, 1990, p. 123.

início de seu longo e doloroso processo de emancipação da casa real, e, principalmente, de auto-conhecimento.

Wolf introduz também um relacionamento amoroso entre Kassandra e Enéias, um homem sensível e capaz de entendê-la, assim como Anquises, pai de Enéias, uma espécie de guru para Kassandra, e que junto com Arisbe e um grupo de mulheres que vive na comunidade alternativa do monte Ida, longe do centro do poder troiano, ajuda Kassandra a libertar-se, pouco a pouco, de suas amarras palacianas.

Pouco antes de sua morte, mesmo que prisioneira de Agamenon, Kassandra expressa o desejo de passar adiante o que aprendeu. Ela diz a Clitemnestra:

> Dê-me apenas o mínimo para viver. Mas lhe imploro: mande-me um escriba, ou, melhor ainda, uma jovem escrava de excelente memória e boa voz. Permita-lhe que possa transmitir às suas filhas o que ouvirá de mim. Que por sua vez contarão às filhas e assim por diante. De modo que ao lado do rio de epopéias, esse minúsculo regato, a duras penas, possa também alcançar aqueles homens distantes, talvez mais felizes, que viverão um dia. (Wolf, 1990, p.89)

A personagem de Wolf expressa aqui o anseio de mulheres, excluídas da história e da literatura, de reaprender a falar, a transmitir suas experiências. Seria, ao lado da história escrita por homens, do 'rio de epopéias', uma nova escritura, de uma

perspectiva feminina. E o papel de escrava seria o da própria autora.

A KASSANDRA DO ÓI NÓIS AQUI TRAVEIS

A peça *Aos Que Virão Depois de Nós. Kassandra In Process* surgiu, segundo o grupo, a partir da leitura da novela de Christa Wolf. Porém integra também outras influências. Um DVD lançado pelo grupo e que apresenta aproximadamente um terço da peça, cuja duração é de três horas, dá uma boa idéia de como é a encenação. No disco de extras que acompanha esse DVD, e no qual me baseio aqui, os atores explicam sua proposta de teatro e falam a respeito do surgimento e da montagem da peça *Kassandra in Process*.

Através do seu "teatro de vivência", o grupo não procura alcançar seu público somente pelo intelecto, porém, comunicar por uma via mais corporal, sensitiva, invocando imagens do inconsciente, através de uma linguagem simbólica e poética. Assim procura envolver o seu público de maneira mais orgânica, de modo a despertar todos os sentidos, até mesmo o olfato e a gustação, levando os espectadores a vivenciarem as cenas. É um teatro que propõe "uma relação mais próxima com a fisicalidade do mundo", como o experimentam as crianças, segundo eles. Por exemplo, numa cena da peça *Kassandra*, que é a da gruta, na comunidade alternativa do Monte Ida, os personagens interagem de maneira muito direta com o público, oferecendo-lhes uma bebida, um a um, de modo ritualístico. Por isso o número de espectadores por apresentação também é bastante reduzido. Há ainda momentos em que eles fazem uso de línguas arcaicas, que o público a princípio não compreende,

porém, à medida que vai se envolvendo com esses novos sons, os vivencia e estabelece seus próprios significados, individualmente. Dessa forma o público participa também na construção dos sentidos e "na construção de uma memória afetiva", não só intelectual. Assim o grupo acredita estar deixando "marcas para os que virão", através dessa vivência.

É também uma proposta de descontinuidade e de estranhamento, pois eles não seguem um determinado texto à risca, porém quebram a unicidade de um discurso, e de sua lógica interna, intercalando outros textos, envolvendo outras "mentes falantes" . Do texto de Christa Wolf tiraram "o esqueleto da idéia", acrescentando fragmentos de Heiner Müller, de sua peça "Germânia 3 – Morte em Berlin", que apresenta um diálogo entre Stalin e Hitler. Seria "a evocação de mais dois momentos de carnificina na história ocidental". Outro texto que se intercala é *Que palavra será?* de Samuel Beckett. Há ainda um intercurso com *Os Justos* de Albert Camus, além de Allen Ginsberg, Eurípides, índios norte-americanos, George Orwell, Mahabharatha, Rimbaud, Pablo Neruda, Peter Handke. Na verdade trata-se, segundo eles, de "evocações de uma mesma linhagem de pensadores", de modo a criar uma lógica na descontinuidade.

Considerando o mito como "a memória da humanidade", o grupo procura trazê-lo para a vivência, para o aqui e o agora, como dizem os atores. Kassandra interessa a eles pelo espírito pacifista, e pelo confronto com o poder estabelecido. Kassandra como "a voz do nosso tempo", como "um olhar feminino sobre a guerra". Desta forma eles acreditam estar dando "um passo ao mesmo tempo estético e político" com

essas encenações, um passo compartilhado com o público, no sentido de procurar evitar o caos da humanidade.

Reverberações do mito num curso de literatura

Num curso de literatura na UFSC em 2007, a leitura da novela de Wolf, seguida pelo DVD do grupo Ói nóis, suscitou um debate bastante intenso, evidenciando a atualidade da temática. Como a geração de jovens que está na universidade hoje não tem uma ligação muito direta com a questão da Guerra Fria, que para a minha geração ainda é algo presente na memória, a associação imediata que os alunos fizeram com a novela foi a guerra do Iraque. A começar pelo rapto de Helena, que na reescritura de Wolf é denunciado como farsa. Kassandra diz:

> Eu fui testemunha das idas e vindas entre o palácio e os sacerdotes do templo, das reuniões diurnas e noturnas do conselho, até que se fabricou uma notícia de impacto, bem martelada, polida como uma lança: Páris, o herói troiano, por ordem da nossa querida deusa Afrodite, raptara dos gregos fanfarrões Helena, a mais bela mulher da Grécia, para apagar a ofensa infligida daquela vez ao nosso grande rei Príamo, quando do rapto de sua irmã. (WOLF, 1990. p.72)

O real motivo é a disputa pelo Helesponto, o ponto de acesso ao Mar Negro, controlado pelos Troianos e a presença de Helena em Tróia é pura farsa. Em certo ponto Kassandra descobre o que

permanece encoberto aos Troianos até o final, já que naquele momento, ainda não desvencilhada de suas amarras emocionais ao palácio, ainda não consegue gritar: "troianos, não temos nenhuma Helena!" mas apenas "estamos perdidos".(WOLF, 1990. p.76) A associação com a guerra do Iraque foi imediata: a 'desculpa' para a invasão, a pretensa existência de um arsenal nuclear naquele país, na verdade o interesse dos EUA pelo controle das fontes petrolíferas.

Outra associação evocada foi com a 'construção' do inimigo em *Kassandra*:

> E desde quando um oficial decidia sobre o uso de palavras? Desde que aqueles que se intitulavam 'do partido do rei' não viam mais no espartano Menelau um hóspede, mas um espião ou um provocador. O futuro inimigo. (...) Uma nova palavra. Em troca, abandonava-se a antiga designação, hóspede. Mas palavras são apenas palavras. E todos os que insistiam em manter a expressão 'hóspede', inclusive eu, tornavam-se suspeitos de uma hora para outra. (WOLF, 1990. p.63)

A passagem evocou a expressão amplamente difundida nos primeiros anos do séc. XXI, 'eixo do mal'.

Além disso, havia os eufemismos empregados para nominar a guerra. Kassandra relembra: "Mas não se devia chamar aquilo propriamente de guerra. De acordo com a linguagem oficial, tratava-se de uma agressão" (WOLF, 1990. p.78) apenas, termo este não tão distante dos atuais 'ocupação

do Iraque' ao invés de 'invasão' ou, melhor ainda: 'Operação Iraque Livre', ou ainda a contradição em termos 'guerra pela democracia e pela paz mundial'. A propósito, Wolf menciona, em suas conferências sobre Kassandra, algumas expressões relativas à Guerra Fria, como "equilíbrio nuclear" e "preparativos defensivos", (WOLF, 1990. p.244) que se encontram dentro desta mesma lógica.

E ainda chamou a atenção a humilhação sádica do inimigo derrotado. Por exemplo, quando Aquiles arrasta o corpo morto de Heitor ao redor dos muros de Tróia; ou também no enfrentamento de Pentesiléia, rainha das Amazonas, com Aquiles, quando este não só a mata, mas a violenta depois de morta. Kassandra diz: "Os homens fracos, sequiosos de vitórias, necessitam de nós como vítimas, para que se sintam vitoriosos." (WOLF,1990. p.127) Essa necessidade de humilhar covardemente os derrotados também foi identificada pelos alunos como algo bem presente em nossos dias. Os ecos de Abu Ghraib e da base militar de Guantánamo ressoaram.

CONCLUSÃO

Concluindo, poderíamos buscar o porquê desse desvio de Christa Wolf pelo mito, se as questões abordadas são tão atuais. Nas palavras da autora, ela objetiva, com a figura de Kassandra, "a partir do mito, recuperar as coordenadas sociais e históricas". (WOLF, 1990. p.259) Seria um trabalho "arqueológico e utópico ao mesmo tempo: desenterrar uma figura mitológica e traçar o esboço de um modelo social".

(WOLF cit. por MATZKOWSKY, 1996. p.12) Wolf parte do pressuposto de que

> a epopéia, surgida na luta pelo patriarcado, será também, por meio de sua própria estrutura, um instrumento para o estabelecimento e a consolidação daquele último. Impõe-se ao herói o papel de modelo exemplar, até hoje em dia. O coro das mulheres desaparece, é tragado pela terra. A mulher só pode ser heroína, daí em diante, enquanto objeto da narrativa masculina. (WOLF, 1990. p.299-300)

Portanto, trazer à consciência presente, através da reescritura, figuras mitológicas consagradas pelas epopéias e tragédias antigas, significaria um processo de reversão de estruturas naturalizadas pelo tempo; representaria um questionamento da nossa sociedade capitalista ocidental a partir de suas raízes, pois, conforme observa a teórica alemã Stephanie Risse, "a emancipação e a auto-consciência só podem se dar a partir do rompimento com estruturas internalizadas." (RISSE cit. por MATZKOWSKY, 1996. p.17)

E assim, a voz pacifista da escrava-autora se impõe como um registro, muito embora tímido diante dos discursos oficiais regidos pela lógica da guerra; mesmo que representando apenas um 'minúsculo regato' ao lado do 'rio de epopéias', que, porém, conforme também quer o Oi nóis, talvez alcance 'os que virão depois de nós'.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DVD duplo "Aos que virão depois de nós. *Kassandra in Process* - A criação do horror". Co-produção da Terreira da Tribo e Catarse - Coletivo de Comunicação. Patrocínio da Petrobrás.
LEMAIRE, Ria. "Repensando a História Literária". In: Hollanda, Heloísa Buarque de (org.). *Tendências e Impasses.* O feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p.58-71.
MATZKOWSKI, Bernd. *Erläuterungen zu Christa Wolf. Kassandra.* Hollfeld: C. Bange Verlag, 1996.
WOLF, Christa. *Voraussetzungen einer Erzählung: Kassandra.* München: dtv, 1993.
_____. *Cassandra.* Tradução de Marijane Vieira Lisboa. São Paulo: Estação Liberdade, 1990.